

Trabalhar com a história d@s negr@s na época do Brasil colônia é uma tarefa laboriosa. Olhar para dentro dessa história e perceber as nuances existentes é uma tarefa árdua. Isto acontece principalmente ao abordar escritos como os de Vieira (neste caso, *XXVII Sermão do Rosário*), eloqüente orador que veio a legitimar a escravidão africana por meio da identidade entre escravo e preto. Este como “filho de Coré”, filho do calvário. Outro escritor, que está no mesmo nível de Vieira é Benci. Em *Economia Cristã dos Senhores no Governo de Escravos*, descreve a atuação dos senhores em relação aos escravos e como aqueles (senhores) deveriam proceder. Ambos os escritos descrevem a forma desumana com que os senhores castigavam os escravos e as condições em que @s escrav@s viviam. Tais relatos nos causam revolta e até mesmo decepção e vergonha dessa trágica história. Por outro lado, deve-se compreender que a escravidão, nessa época, era fato consumado e inquestionável.

Ao imergir na história social, econômica, política e religiosa do período colonial, qualquer que seja @ historiad@r, est@ sempre terá o presente como paradigma de leitura. Assim, terá sua relevância, se o estudo projetar para o futuro esperança de dias melhores, ou apresentar formas ou possibilidades que caminhem em direção a relações estáveis e correlativas na sociedade. A colonização portuguesa buscou estabelecer-se no “Novo Mundo” ocupando e explorando suas riquezas e submetendo seus habitantes originários. Não é de se admirar que a sociedade que se forma no Brasil tem suas raízes nas concepções clássicas e medievais de colonização e hierarquias: Estado e sociedade. O primeiro tinha o dever de controlar os relacionamentos da segunda que se dividia em: nobreza, clero e povo. Este tripé que forma a sociedade brasileira,

a nobreza desempenha um papel importante, pois é ela que vai estabelecer padrões de comportamento. Dedicar-se ao trabalho braçal e outras ocupações fica a cargo do povo. À nobreza cabia a fortuna, o domínio senhorial, a autoridade sobre dependentes, a promoção de linhagem, entre outros. Isto gerava *status* dentro da sociedade e era a meta a ser alcançada. Ter *status* mais elevado e um estilo de vida nobre, vai ser trasladado ao Brasil e perdurará por todo o período colonial. Desta forma, a sociedade brasileira reconhece e faz distinção social entre livres e escravos. Estes não teriam, pelo menos em princípio, honra, pois esta estava ligada ao *status*.

No afã de extrair e produzir mercadorias para abastecer as metrópoles européias, o Brasil receberá grande número de escravo africanos. Seu principal objetivo nesta terra é trabalhar. O trabalho também será o meio de organizar o escravo para que este não se rebelde e tampouco se torne mestre no ócio. Por outro lado, o trabalho é



um ato de piedade e graça recebida, sendo bem aproveitado, o escravo receberá a recompensa: a salvação. Em Vieira o trabalho escravo está associado à paixão e morte de Cristo. A paixão teve dois fins: remédio universal para todos e exemplo, que sem dúvida, é para @ escrav@. No sermão citado acima, Vieira, estabelece regras para que os escravos se conformem com seu estado. Cristo é o exemplo. Assim, o trabalho se torna santo e meio de martírio. Outra regra refere-se à obediência e ao padecimento com paciência. Aqui se junta o corpo. O corpo é a parte mais vil do escravo, enquanto a alma é nobre. Obediência aos senhores, sofrer na carne (corpo) os açoites e grilhões e submeter-se ao trabalho com muita paciência é cativo. Mas tudo isso é graça da parte de Deus. Desta forma, se adquiria a liberdade eterna. Este pensamento de Vieira impinge n@ escrav@ desprezo pelo mundo secular e pelo corpo. Este desprezo pelo corpo conjugado com o sofrimento é resgate da parte nobre: a alma. Benci será mais humanista que Vieira. Entende que em primeiro lugar deve-se dar o pão. O pão de cada dia inclui sustento e vestimenta. Sem o pão, a mão-de-obra não agüentará cumprir a sua obrigação. Há uma certa preocupação em torno do corpo que, de uma forma ou outra, culminará no controle dos escravos pelo trabalho. O trabalho é a norma que dá descanso ao senhor e afugenta a mãe de todos os males, o ócio. A exclusão da pessoa negra no discurso ideológico moralista de Benci se dá através da categoria de senhor e escravo. Uma vez escravo, sempre escravo, pois, como descendentes do pecado de Cam, jamais

estarão livres. Seu estado é de inteira sujeição. Em Vieira, a exclusão se dá na redução d@ escrav@ a um ser qualquer quando diz que a parte mais nobre que ele tem é a alma. O corpo é um mero instrumento para obter a salvação, sendo portanto incapaz de exercer outras funções seculares que não fossem o trabalho sofrido e a *imitatio Deo*. A partir dos padrões de cultura estabelecidos, é negado aos africanos o direito de *cultus*: "o que se trabalha sobre a terra; culto: enterro dos mortos; ritual em honra dos antepassados. A teologia européia (Vieira e Benci) justifica a escravidão e a Bíblia será a fonte que irá, paulatinamente, mostrar qual é o lugar d@ escrav@ e como ele deve se comportar. Textos bíblicos como: 1Pe 2.21, Mt 1.11, Ef 5.5, Rm 7.14, Ef 4.8, e tantos outros no Antigo e Novo Testamento irão colocá-l@ no devido lugar que lhe é atribuído dentro dessa sociedade.

@ negr@, paulatinamente, vai perdendo a sua alteridade e introjetando a idéia de que ser branco é o *status* a ser alcançado. Isto, porém, só é possível na alma, porque na epiderme será sempre negr@. O desafio hoje é perceber as nuances desta história e a partir dela desenvolver uma teologia que contemple a sua dor, sofrimento, seus ritmos e danças; que contemple o seu aparato imaginário-simbólico-religioso. Neste sentido, nem Vieira nem Benci foram capazes de se expressar. A fé cristã torna-se uma experiência com e do divino imposta e não proposta.

* O autor, Adriano Otto, é estudante de teologia e neste semestre realiza seus exames de conclusão do curso.

Possibilidades de uso da hermenêutica bíblica negra na IECLB

Günter Bayer | Padilla*

Apesar de haver passado mais de cem anos desde a abolição da escravidão, foram tantos os anos desta que a sociedade ainda não tirou de seu inconsciente a "imagem" do

povo negro como escravo. @s branc@s ainda não tomaram consciência de que a chegada dos conquistadores na África foi um evento brutal, uma expressão do poder